



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



## **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

### **O PROCESSO DE INCLUSÃO E AS DIFICULDADES DO PROFESSOR NA SUA APLICABILIDADE EM SALA DE AULA.**

**SIMONE DE CASSIA MOURA MARQUES**

**ORIENTADORA: PENÉLOPE XIMENES**

**BRASÍLIA/2011**



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**SIMONE DE CASSIA MOURA MARQUES**

**O PROCESSO DE INCLUSÃO E AS DIFICULDADES DO  
PROFESSOR NA SUA APLICABILIDADE EM SALA DE AULA.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientadora: Penélope Ximenes

BRASÍLIA/2011

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**SIMONE DE CASSIA MOURA MARQUES**

### **O PROCESSO DE INCLUSÃO E AS DIFICULDADES DO PROFESSOR NA SUA APLICABILIDADE EM SALA DE AULA.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30.04.2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

Orientadora: Penélope Machado Ximenes Campos

---

Examinadora: Viviane Fernandes F. Pinto

---

Cursista: Simone de Cassia Moura Marques

BRASÍLIA/2011

## DEDICATÓRIA

“Você pode sonhar, projetar, criar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo, mas é preciso pessoas para tornar o sonho realidade”

Walt Disney

É preciso ter Deus como princípio orientador de nossas vidas.

É preciso ter um companheiro, que é Mario Lucio, meu esposo, amigo, leal que nas horas mais difíceis esteve sempre presente me apoiando, principalmente por compreender e compartilhar com os meus estudos o pouco tempo que temos para nosso convívio.

É preciso ter filhos maravilhosos como o Felipe e a Nathália, pois muitas vezes deixei de acompanhá-los em seus estudos e suas rotinas, por ter que dedicar-me ao curso, para concluir mais esta etapa na minha vida acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

"Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas, nos auxiliam muito".

Chico Xavier

Ao nosso pai Deus que tornou este acontecimento possível, de maneira tão gloriosa.

A meu esposo e meus filhos, pela compreensão e carinho.

Aos meus pais Antonio e Ana Maria (*in memoriam*), por terem me mostrado ainda em criança a importância do estudo para minha vida.

A todos os Mestres (professores, tutores e orientadores) que passaram pela minha vida estudantil e acadêmica, pelo compartilhamento de seus saberes, pela sinceridade de suas críticas e o prazer de suas companhias.

A todos os meus amigos e colegas com os quais convivi neste curso, mesmo que virtualmente, e que direta e indiretamente contribuíram para o meu crescimento cultural e pessoal, meus eternos agradecimentos.

.

Simone de Cassia Moura Marques

"Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los."

Issac Asimov

## RESUMO

O presente trabalho pretende levantar as dificuldades encontradas pelos professores que ministram aulas em salas com alunos inclusos, verificando a existência de projetos específicos para a inclusão, bem como a dificuldade de adaptação do docente aos conteúdos adaptados. De maneira sucinta aborda a legislação com relação à inclusão, que apresenta lagunas que não permitem que o processo inclusivo avance da forma esperada. A dificuldade enfrentada para aplicação é abordada de forma teórica com respaldo no processo investigativo da prática inclusiva na escola pesquisada, a qual foi escolhida por estar com o projeto inclusivo em pleno andamento, embora de forma precária. Assim, considerando as situações acima e com base na pesquisa metodológica qualitativa do tipo etnográfica serão levantadas as dificuldades de adaptação do professor, de forma que tais apontamentos possam servir de base para elaboração de cursos de formação específicos de professores em projetos de inclusão. Por fim, apresentasse uma análise gráfica da realidade inclusiva encontrada após a conclusão da pesquisa.

**Palavras-chaves:** Inclusão, Educação, Professor, Formação, Dificuldade

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
CAPÍTULO I-LEGISLAÇÃO BRASILEIRA COM RELAÇÃO A INCLUSÃO ESCOLAR .....	12
1.1Pessoas com necessidades especiais e a legislação brasileira .....	12
CAPÍTULO II-POLÍTICAS PÚBLICAS PARA INCLUSÃO.....	15
2.1-A inclusão escolar e a dificuldade enfrentada para sua aplicação .....	15
CAPÍTULO III-PRINCÍPIOS NORTEADORES DA PESQUISA .....	23
3.1-Contexto da pesquisa.....	23
3.2-Descrição dos participantes .....	23
3.3-O objetivo geral da pesquisa.....	24
3.4-Delineamento dos objetivos específicos.....	24
CAPÍTULO IV-PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS .....	26
4.1-Metodologia aplicada na pesquisa .....	26
4.2-Características do Centro de Ensino Fundamental 308 .....	26
4.3-Projeto pedagógico do CEF-308.....	28
4.4-Proposta de ensino inclusivo para alunos com necessidades especiais no CEF-308.....	28
4.5-Recursos utilizados para a realização do projeto de pesquisa e elaboração da monografia .	31
4.6-Instrumento de construção de dados.....	31
4.7-Procedimento de construção de dados .....	31
CAPÍTULO V-RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	33
5.1. – Procedimento de análise de dados .....	33
5.2. – Análise crítica da estrutura da escola pesquisada .....	36
5.3 - <i>Análise do projeto pedagógico aplicado nas salas inclusivas</i> .....	36
5.4 – <i>Apresentação da estrutura gráfica</i> .....	36
5.4.1- <i>Gráficos dos dados coletados- Questionário aplicado aos professores</i> .....	36
5.4.2- <i>Análise de dados apresentados nos gráficos e questionários</i> .....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	46
ANEXO I - Questionário aplicado junto aos professores do CEF-308.....	49

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Forma pedagógica de ministrar aulas.....	36
Gráfico 2 – Aceitação do aluno incluído pelos alunos comuns.....	37
Gráfico 3 – Orientação da escola aos professores.....	37
Gráfico 4 – Material pedagógico.....	38
Gráfico 5 - Dificuldades em trabalhar com alunos incluídos.....	38
Gráfico 6 – Contribuição da prática inclusiva para a formação social do aluno.....	39
Gráfico 7 – Dificuldade de comunicação com aluno incluído.....	39
Gráfico 8 – Dificuldade de relacionamento entre o aluno incluído com os alunos comuns.....	40
Gráfico 9 – Recurso didático-pedagógico específico.....	40
Gráfico 10 – Fatores que atrapalham o desempenho do professor em salas de aulas inclusivas.....	41

## APRESENTAÇÃO

Primeiramente, interessante fazer um pequeno resumo de meu trabalho à frente do magistério, o qual me despertou para o tema abordado nesse projeto de pesquisa.

Sou educadora desde 1987, quando iniciei como professora rural em uma fazenda que se situava a 30 quilômetros do centro urbano da cidade de Uberaba. Lecionei nesta escola por três anos, a sala de aula era multiseriada, com alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Posteriormente passei a trabalhar na cidade ainda no ensino fundamental, dessa feita em sala regular.

No ano de 1999, já morando em Brasília consegui meu primeiro contrato temporário para professora pelo GDF, neste ano trabalhei no SESI de Taguatinga, ministrando aulas de Dinamização (aulas de Educação Artística para o ensino infantil). No ano seguinte, renovei novamente o contrato e trabalhei no Centro de Ensino Especial 01 de Taguatinga, assim tinha como alunos crianças e adultos com necessidades especiais (Deficientes Mentais até o meio do ano e Autista do meio do ano até o final). No começo foi difícil, a experiência que tinha nesta área, era mínima, pois só tinha trabalhado em Uberaba com alunos integrados, com leves deficiências e em sala de alunos comuns. No ano de (2001) ingressei na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, e minhas aulas de Arte ficaram dinâmicas, pois melhorei meus conhecimentos em relação a esta matéria, neste período lecionava para alunos de 4ª série. No ano de 2003, após concluir minha licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas comecei a lecionar no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, bem como no ensino médio para turmas regulares nas cidades de Santa Maria e Valparaíso de Goiás.

Durante todos esses anos sempre trabalhei em salas de aulas com alunos inclusos, no entanto nunca fui preparada especificamente para lidar com essa situação. A forma pedagógica e didática era adaptada por improviso, haja vista que não havia por parte das direções das escolas qualquer planejamento ou orientação nesse sentido.

Em conversas com os outros professores da escola em que trabalho, veio à oportunidade de perceber que a dificuldade em ministrar aulas em salas com

alunos inclusos não era só minha, haja vista que cada professor também apresentava suas queixas e considerações quanto ao tema.

Diante de tal situação percebi que trabalhar o tema “A dificuldade do professor para ministrar aulas em sala com alunos inclusos”, seria uma forma de colaborar com a minha própria formação, e também contribuir para a melhoria da prática pedagógica nas salas com alunos inclusos.

Dessa forma o trabalho monográfico pretende levantar as dificuldades encontradas pelos professores que ministram aulas em salas com alunos inclusos, verificando a existência de projetos específicos para a inclusão, bem como a dificuldade de adaptação do docente aos conteúdos adaptados.

Hoje as salas de aulas que tem alunos inclusos sofrem na parte pedagógica, haja vista que não existe um projeto específico a integrar o aluno incluso com o aluno comum, também inexistem qualquer projeto para integrar as ações do professor responsável pela aula e o professor interprete que transmite as aulas aos alunos inclusos. O que se tem na verdade é a intenção de integração, a qual conta na maioria das vezes com a criatividade, experiência e boa vontade dos professores para que aconteça qualquer interação.

Existem vários professores que trabalham com alunos inclusos sem terem formação acadêmica específica para essa atividade, também alguns projetos de inclusão são elaborados sem levar em consideração a formação do professor. Assim, tendo como base as situações acima, serão levantadas as dificuldades de adaptação do professor, de forma que tais apontamentos possam servir de base para elaboração de cursos de formação específicas para professores em projetos de inclusão.

A metodologia utilizada consiste no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. Serão trabalhadas as dificuldades encontradas, através de coletas de depoimentos dos professores, dos alunos comuns, dos alunos inclusos, de seus familiares, de integrantes da direção, da coordenação pedagógica, bem como de psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, que por ventura acompanhem o projeto, dentre outros.

Será efetuada pesquisa documental, no sentido de verificar a existência de adaptação de conteúdo e de existência de conteúdo específico para a turma

inclusiva. Dessa forma serão analisados os documentos da escola, que estejam relacionados com o tema proposto.

A fundamentação teórica está baseada entre outras na obra de Maria Teresa Eglér Mantoan: “Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?”, que em resumo ressalta a importância da inclusão para a sociedade, dando ênfase na forma de sua aplicabilidade, bem como analisando as dificuldades de sua implantação.

Portanto, o trabalho tem como objetivo identificar quais as dificuldades encontradas pelos professores que trabalham com alunos inclusos, seja na aplicação do conteúdo programático, como na estratégia didática, destacando os elementos que eventualmente possam contribuir para alguma ineficácia do projeto de inclusão em andamento.

## **CAPÍTULO I – A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA COM RELAÇÃO À INCLUSÃO ESCOLAR**

### **1.1. Pessoas com necessidades especiais e a legislação brasileira**

Quando se analisam a legislação brasileira com relação à educação das crianças com necessidades especiais, verifica-se que a partir da Constituição de 1988 foram criadas várias leis com a finalidade de inclusão e integração social.

No entanto o movimento chamado educação inclusiva criou força a partir do ano de 1994, com o advento da Declaração de Salamanca, pelo qual se defende um compromisso de educar cada estudante contemplando a pedagogia da diversidade, partindo do princípio que todos os alunos deverão estar dentro da escola regular, independentemente da origem social, étnica ou lingüística (Lacerda, 2006 p. 167).

Ocorre que a legislação ainda é falha, pois não define às vezes o que é necessidade especial, ou até cita termos que permitem dupla interpretação e ou diferentes entendimentos.

Essas lacunas na legislação têm contribuído para que o processo educacional não avance com a rapidez e eficiência que a sociedade espera. É notório que vários projetos educacionais no campo da inclusão de pessoas com necessidades especiais não se concretizam, pois, em um determinado momento se esbarram em conceitos não definidos por nossas leis.

O fato de certas leis permitirem interpretação ambígua tem causado transtornos na relação pais e escola, pois, os primeiros sempre interpretam a lei de forma a enquadrar o seu filho no seu ditame, no entanto, a entidade de ensino é obrigada a interpretar a lei de acordo com o entendimento padrão adotada por seus órgãos superiores, não levando em consideração a realidade de cada unidade escolar e ou a situação individual do aluno.

A escola objeto da pesquisa procura estar em sintonia com a legislação em vigor, principalmente com a legislação voltada aos alunos com necessidades especiais e também quanto ao aspecto inclusivo da educação.

O projeto pedagógico da escola (PPP/2010) faz referência à lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96, como sendo

responsável pelas regras básicas ao atendimento educacional especializado aos alunos com necessidades especiais. Também cita a Declaração de Salamanca (1994), no tocante ao seu entendimento acerca da normalização numa perspectiva de inclusão, fato que significa atender os alunos com necessidades especiais, incluindo os com dificuldades mais severas, na classe regular com o apoio dos serviços de educação especial.

A Doutora em Educação Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, já no ano de 2006 alertava para o fato da comunidade escolar estar aberta pra receber o processo inclusivo, no entanto esse esbarrava na precariedade das escolas para recebê-lo, de acordo com parte do texto que ora transcreve-se:

A inclusão apresenta-se como uma proposta adequada para a comunidade escolar, que se mostra disposta ao contato com as diferenças, porém não necessariamente satisfatória para aqueles que, tendo necessidades especiais, necessitam de uma série de condições que, na maioria dos casos, não tem sido propiciadas pela escola (Lacerda, 2006 p. 166)

A instituição pesquisada procura trabalhar no sentido de que as leis não fiquem só no papel, que elas possam realmente servir para a melhoria da educação e da sociedade como um todo, para tanto procurou fazer algumas adequações referente ao espaço físico de acordo com a lei de acessibilidade, dessa forma foram construídas, rampas, corrimãos e banheiros adaptados.

Importante ressaltar que se as políticas inclusivas não são claras ao se referirem à integração do aluno com deficiência mental no ensino regular e impedem uma ação mais decisiva diante da inclusão (Mantoan, 1997 p. 117), por outro lado a um anseio para que o projeto se concretize é grande. Nesse propósito a escola pesquisada encontra-se imbuída, assim está definido em seu projeto pedagógico:

[...] pois, o processo de inclusão se refere a um processo educacional que visa estender ao máximo a capacidade da criança portadora de deficiência na escola e na classe regular. Envolve fornecer o suporte de serviços da área de Educação Especial através dos seus profissionais. A inclusão é um processo constante que precisa ser continuamente revisto (PPP/CEF-308, 2010, p.39).

Esse embate contribui para que a legislação venha se ajustar de forma a atender melhor os alunos com necessidades especiais, pois, a pressão da sociedade ainda é o melhor instrumento para fazer as leis saírem do papel e se instalarem definitivamente em benefício da parcela da sociedade para a qual foi criada.

Para ilustrar, cita-se fato ocorrido na escola pesquisada, especificamente na sala de aula da 6ª série “C”, que tem cinco alunos inclusos com deficiência auditiva. Esses alunos vieram transferidos de outra escola (CEF-213), que tinha estrutura um pouco melhor para lidar com alunos especiais, inclusive com salas apropriadas e professores interpretes. Ao chegarem à escola (CEF-308) se depararam com uma estrutura ainda precária, sendo que a sala de aula referida estava sem professora interprete, pois, essa se encontrava em gozo de licença maternidade. A mãe de um dos alunos não se conformando com a situação e conhecedora da importância do professor intérprete para o aprendizado de seu filho, foi à direção da escola e começou a exigir providência, sendo informada que a escola não tinha autonomia para resolver o assunto, encaminhado-a para a Diretoria Regional de Ensino (DRE). Sendo certo, que tal instituição resolveu o problema em apenas um dia. Com esse exemplo resta claro que as pressões dos pais e da comunidade em geral ajudam a fazer as leis se cumprirem e contribuem para a construção de uma escola melhor.

Dessa forma, os educadores ao elaborarem seus projetos educacionais inclusivos, devem interpretar a legislação na sua forma mais abrangente, pois esse é o verdadeiro sentido da inclusão social.

## **CAPÍTULO II - A INCLUSÃO ESCOLAR E SUA APLICABILIDADE**

### **2.1 - A inclusão escolar e a dificuldade enfrentada para sua aplicação**

Antes de adentrar-se ao tema objeto deste trabalho, a saber, “as dificuldades encontradas pelos professores em sala de aula inclusiva”, deve-se definir o que se subentende da palavra inclusão no contexto escolar. Qual a especificidade desta palavra? O dicionário “Aurélio” dá o significado do termo “inclusão” como sendo: ato ou efeito de incluir, não muito diferente o dicionário web o define como: ação ou efeito de incluir. No entanto no contexto escolar quando se fala em incluir alunos com necessidades especiais em sala comum, não é simplesmente o ato de matricular os alunos na turma e ou colocá-los na sala de aula regular, que conseqüentemente estará se consolidando a inclusão.

Constitucionalmente todos têm direito a uma educação de qualidade e devem ser tratados com igualdade e equidade, mas será que realmente isso acontece? Socialmente sabemos que não, pois, a realidade foi construída para seres perfeitos fisicamente, pessoas conectadas com a realidade virtual e a todos é cobrado manuseio de equipamentos como: caixas eletrônicos; aparelhos sofisticados com vários menus confusos. Porém, é necessário nos determos na realidade da educação e na realidade da escola, há realmente um processo inclusivo?

A inclusão escolar demanda uma reunião de vários fatores: ambiente apropriado; políticas públicas direcionadas para a área; formação dos professores e demais profissionais envolvidos no projeto; preparação do ambiente escolar tanto físico quanto emocional; entre outros. Ocorre que as escolas públicas encontram até dificuldade em receber os alunos comuns, pois as estruturas são insuficientes para atender o contingente de alunos matriculados, fato que culmina com salas superlotadas, refletindo diretamente na qualidade de ensino oferecida. Dento dessa ótica o que falar dos alunos com necessidades especiais?

Realidade essa reconhecida amplamente debatida no meio acadêmico, como se infere abaixo:

A fragilidade das propostas de inclusão, neste sentido, residem no fato de que, freqüentemente, o discurso contradiz a realidade educacional brasileira, caracterizada por classes superlotadas,

instalações físicas insuficientes, quadros docentes cuja formação deixa a desejar (Lacerda, 2006 p. 168).

Concordando com esse entendimento termos o ensinamento de Rosana Glat e Mario Lucio de Lima Nogueira, conforme trecho abaixo transcrito:

No entanto, não basta que uma proposta se torne lei para que a mesma seja imediatamente aplicada. Inúmeras são as barreiras que impedem que a política de inclusão se torne realidade na prática cotidiana de nossas escolas. Entre estas, a principal, sem dúvida, é o despreparo dos professores do ensino regular para receber em suas salas de aula, geralmente repletas de alunos com problemas de disciplina e aprendizagem, essa clientela (Glat, Nogueira 2002, p. 22-27).

Para a inclusão se consolidar há de se alterar as estruturas (Mantoan 2003, p 32), o que implica em um esforço de modernização e reestruturação da maioria das escolas, as quais devem assumir que as dificuldades de alguns alunos resultam em grande parte do modo que o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada. Ocorre que nem sempre as escolas estão preparadas para se auto-avaliar e dessa forma corrigir os erros e avançar no campo pedagógico inclusivo.

Continuando tem-se o entendimento da educadora Maria Teresa Eglér Mantoan, cujo trecho da obra ilustra o referido raciocínio:

Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos (Mantoan 2003, p. 12).

Nota-se que o processo de inclusão é bem maior que apenas inserir o aluno com necessidade especial na sala de aula do ensino regular, necessário é se preocupar principalmente com seu aprendizado, para tanto se deve ter uma organização pedagógica prévia, bem como o acompanhamento do cotidiano escolar do aluno, no intuito de avaliar o nível de aprendizagem e o grau de envolvimento deste com os alunos comuns, pois, a inclusão apresenta-se como uma novidade, devendo a escola priorizar uma análise de representação nova de mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos (Mantoan, 2003 p.12).

Para que se ocorra uma reforma na instituição escolar, demanda-se primeiramente trabalhar uma reforma no modo de pensar das pessoas, no entanto não se consegue reformar mentes sem antes realizar um reforma prévia nas instituições (Zimmermann, 2009). E para isso é necessário maior esforço das

políticas públicas para que sejam efetivas e principalmente do reconhecimento humano no sentido de valorizar a diversidade humana.

Em entrevista publicada no site do Centro de Referência em Educação Mario Covas, o Professor Mel Ainscow da Faculdade de Educação da Universidade de Manchester, Inglaterra, especialista em necessidades educacionais especiais, assim considerou:

Um outro aspecto da inclusão é identificar e sobrepujar as barreiras que impedem os alunos de adquirir conhecimentos acadêmicos. Essas barreiras podem ser: a organização da escola, o prédio, o currículo, a forma de ensinar e muitas vezes as barreiras que estão na mente das pessoas. Estas são as mais difíceis. ([HTTP://www.cmariocovas.sp.gov.br/ees](http://www.cmariocovas.sp.gov.br/ees))

Nesse sentido Maria Teresa Eglér Mantoan defende que as escolas devem se preparar para a missão inclusiva, como se infere do trecho que ora transcreve-se:

Mudar a escola é enfrentar muitas frentes de trabalho, cujas tarefas fundamentais, a meu ver, são:

- Recriar o modelo educativo escolar, tendo como eixo o ensino para todos.
- Reorganizar pedagogicamente as escolas, abrindo espaços para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados nas escolas, por professores, administradores, funcionários e alunos, porque são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania.
- Garantir aos alunos tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que não segregue e que reprova a repetência.
- Formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor, para que tenha condições e estímulo para ensinar a turma toda, sem exclusões e exceções (Mantoan, 2003, p.33).

Para que as escolas possam caminhar dignamente na proposta inclusiva há de se ter apoio governamental, ou seja, políticas públicas eficazes voltadas à referida proposta pedagógica, as quais poderão ajudar a combater as dificuldades encontradas para implantação do processo inclusivo, como falta de conhecimento do assunto pelos pais, bem como a própria acomodação dos professores. Nesse ponto Maria Teresa Eglér Mantoan também demonstrou preocupação, como se pode ver do trecho ora transcrito:

Infelizmente, não estamos caminhando decisivamente na direção da inclusão, seja por falta de políticas públicas de educação apontadas para estes novos rumos, seja por outros motivos menos abrangentes, mas relevantes, como pressões corporativas, ignorância dos pais, acomodação dos professores (Mantoan, 2003, p.31).

Na verdade os professores se consideram despreparados para a missão de lecionar em sala de aula inclusiva, matéria essa que abordaremos melhor quando da dissertação quanto à análise da pesquisa objeto desse trabalho, pois não recebem nenhum curso ou treinamento específico para lidar em salas de alunos com necessidades especiais, e nem são capacitados com políticas pedagógicas inclusivas. Essa incompetência para lidar com as diferenças em sala de aula, principalmente para lidar com alunos especiais, se dá pelo fato de serem os alunos oriundos de salas de aula onde eram atendidos por professores que só trabalhavam em ensino especial e que aos olhos de todos eram bem preparados (Mittler, 2000).

A Proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica, delinea as exigências que se colocam para o desempenho do papel docente frente às novas concepções de educação do mundo contemporâneo, e vêm corroborar com a tese que defende a necessidade do professor estar bem preparado:

Orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos; responsabilizar-se pelo sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos; incentivar atividades de enriquecimento curricular; **elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias**, estratégias e material de apoio; desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe (MEC, 2000, p. 5, sem grifo no original).

Vários autores têm defendido a tese que a melhoria da formação dos professores é condição essencial e premente para a eficácia da inclusão de alunos com necessidades especiais em rede regular de ensino (Plest 2009). Pesquisa realizada em âmbito nacional na década passada demonstra a realidade da época evidenciando que os professores, de maneira geral, não estão preparados para receber em sua sala de aula alunos especiais (GLAT; FERREIRA; OLIVEIRA; SENNA, 2003). Já passados aproximados 10 anos do citado levantamento, tal situação fática não foi alterada, pois, os dados levantados pela pesquisa efetuada na escola CEF-308 dão conta que o professor ainda carece de preparo e especialização.

Todos os pesquisados admitiram terem introduzido mudança na forma pedagógica para ministrar suas aulas, após passarem a trabalhar em sala de aula inclusiva. No entanto ao serem questionados se tiveram orientação da escola para trabalharem com alunos inclusos, somente 50% dos pesquisados responderam que

sim. Porém, ao serem indagados acerca da existência de dificuldade em ministrar aula com aluno incluso, a maioria respondeu que sentia dificuldade, ao certo 80 % dos pesquisados.

Outro ponto de destaque no questionário foi à indagação aos pesquisados acerca do fator que atrapalhava o bom desempenho do professor em salas inclusivas, sendo que 90% das respostas apontaram os seguintes fatores: falta de preparação específica (cursos, palestras, seminários) e falta de recursos pedagógicos.

Ocorre que essa realidade não é só nossa, o Professor Mel Ainscow da Faculdade de Educação da Universidade de Manchester, Inglaterra, especialista em necessidades educacionais especiais, em entrevista publicada no site do Centro de Referência em Educação Mario Covas, alertou acerca da necessidade da preparação dos professores em todo mundo, no entanto deixou claro que a responsabilidade não é só da Instituição Educacional, o próprio professor tem que assumir a responsabilidade de se preparar, trecho do depoimento que vale a pena transcrever:

Das minhas experiências trabalhando com professores e pessoas nos diferentes países, podemos afirmar que para tornar as escolas mais eficientes no seu ensino-aprendizagem é preciso ter clareza do que se quer, dar aos professores condições de trabalho, reconhecer que eles são fatores essenciais nesse processo de transformação. Eles precisam se sentir reconhecidos e valorizados.

Os professores, por sua vez, precisam se conscientizar que devem estar aprendendo sempre, que precisam também ser pesquisadores. Isso significa estar sempre pesquisando, investigando novas formas de ensinar, refletir sobre o seu trabalho, procurar sempre melhorar o seu próprio trabalho.

Todos devem investir na educação continuada dos professores dentro da escola, se quisermos melhorar a aprendizagem das crianças. ([HTTP://www.cmariocovas.sp.gov.br](http://www.cmariocovas.sp.gov.br)).

O certo é que essa preparação dos professores a que se tem referido, não é simplesmente pedagógica, não será assimilando a doutrina inclusiva ou até mesmo seus métodos de educação que o professor poderá ser considerado totalmente apto para ministrar aulas em salas com alunos com necessidades especiais inclusos. É preciso como dito anteriormente uma mudança de mentalidade do professor, no sentido que esse possa vivenciar plenamente o processo de inclusão. O ensinamento de Vigostki aponta o caminho a percorrer:

[...] o aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e

põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer (Vigotski, 1994 p. 100).

Nesse aspecto é fundamental que o professor tenha consciência que sua preparação vai muito além da aprendizagem técnica ou pedagógica, deve-se entender o processo de inclusão como uma forma de desenvolvimento de outros processos que até então nunca se imaginava colocar em prática, e com essa mudança de mentalidade passa a ser possível.

Ainda nesse sentido Maria Teresa Eglér Mantoan defende uma formação diferenciada para os professores, que venha mudar os paradigmas tradicionais existentes, como se infere do trecho que ora transcreve-se:

No caso de uma formação inicial e continuada direcionada à inclusão escolar, estamos diante de uma proposta de trabalho que não se encaixa em uma especialização, extensão ou atualização de conhecimentos pedagógicos. Ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis. Como já nos referimos anteriormente, a inclusão escolar não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma preparação do professor nessa direção requer um design diferente das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda, porque as escolas não serão mais as mesmas, se abraçarem esse novo projeto educacional (Mantoan, 2003, p.43).

A teoria da educação inclusiva impõe ao professor uma conduta diferente, pois terá de atuar em um campo que demandará atuação em diferentes contextos educacionais, sendo certo que seu papel e de fundamental importância para o cumprimento dos objetivos propostos. A declaração de Salamanca se preocupou com a preparação dos professores, mas que sejam eficazes nas respostas as necessidades educativas especiais das escolas inclusivas (Declaração de Salamanca, 1994, p. 08).

Na referida declaração ficou claro a preocupação com a disponibilização de recursos visando à formação dos professores, mas não só isso, também procurou assegurar ajuda técnica, fator que considerou indispensável para garantir o sucesso do projeto. (Declaração de Salamanca, 1994, p. 42).

A Doutora em Educação Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, já no ano de 2006 alertava para a necessidade de investimento no intuito de se fazer o modelo educacional inclusivo eficaz, trecho que ora transcreve-se:

A defesa deste modelo educacional se contrapõe ao modelo anterior de educação especial, que favorecia a estigmatização e a discriminação. O modelo inclusivo sustenta-se em uma filosofia que

advoga a solidariedade e o respeito mútuo às diferenças individuais, cujo ponto central está na relevância da sociedade aprender a conviver com as diferenças. Contudo, muitos problemas são enfrentados na implementação desta proposta, já que a criança com necessidades especiais é diferente, e o atendimento às suas características particulares implica formação, cuidados individualizados e revisões curriculares que não ocorrem apenas pelo empenho do professor, mas que dependem de um trabalho de discussão e formação que envolve custos e que tem sido muito pouco realizado (Lacerda, 2006 p. 166).

Ocorre, no entanto que o processo de inclusão escolar encontra-se já muito atrasado, e esperar preparar todos os professores para essa tarefa é simplesmente impensado, assim a melhor solução é simultaneamente com aplicação da prática inclusiva se fazer o treinamento e preparação do professor, sendo certo que nesse período é primordial o diálogo entre os professores e demais profissionais envolvidos no projeto, além dos pais e próprios alunos, pois, o debate do fazer é um caminho para o saber, *“tornar a relação professor-aluno como núcleo e foco do trabalho pedagógico, pode ser uma boa forma de redescobrir o prazer e o valor (social e humano) da docência”*. (Aquino, 1998, p. 22.)

A professora Tereza Mantoan comunga desse pensamento, senão vejamos:

Assim como qualquer aluno, os professores não aprendem no vazio. Por isso, a proposta de formação parte do “saber fazer” desses profissionais, que já possuem conhecimentos, experiências e práticas pedagógicas ao entrar em contato com a inclusão ou qualquer outra inovação educacional.

O exercício constante e sistemático de compartilhamento de idéias, sentimentos e ações entre professores, diretores e coordenadores da escola é um dos pontos-chave do aprimoramento em serviço. Esse exercício é feito sobre as experiências concretas, os problemas reais, as situações do dia-a-dia que desequilibram o trabalho nas salas de aula — esta é a matéria-prima das mudanças pretendidas pela formação (Mantoan, 2003, p.44)

O fato de o professor alegar despreparo é uma forma de rejeitar em seu íntimo o processo da inclusão, na verdade ele precisa se conscientizar da importância do projeto, e se envolver de corpo e alma, pois somente com esta predisposição é que estará com sua motivação em alta, no sentido de melhor preparar-se. Para Mantoan, os professores devem tomar frente nesse processo educacional, trecho que vale a pena transcrever:

Nós, professores, temos de retomar o poder da escola, que deve ser exercido pelas mãos dos que fazem, efetivamente, acontecer a educação. Temos de combater a descrença e o pessimismo dos acomodados e mostrar que a inclusão é uma grande oportunidade

para que alunos, pais e educadores demonstrem as suas competências, os seus poderes e as suas responsabilidades educacionais (Mantoan, 2003, p.29).

Para Lacerda o professor é responsável por mediar o processo e transmitir o conhecimento, daí sua importância fundamental, senão vejamos:

*A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos lingüísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas (Lacerda, 2006 p.167).*

Para finalizar tem-se que considerar que embora o movimento de inclusão escolar esteja em fase embrionária, e mesmo diante de todas as dificuldades existente, pode-se considerar que em termo educacional é um grande avanço para nossa sociedade. Assim também entende a educadora Maria Tereza Mantoan, conforme se lê abaixo:

O movimento inclusivo, nas escolas, por mais que ainda seja muito contestado, pelo caráter ameaçador de toda e qualquer mudança, especialmente no meio educacional, convence a todos pela sua lógica e pela ética de seu posicionamento social (Mantoan, 2003, p.43).

## **CAPÍTULO III - PRINCÍPIOS NORTEADORES DA PESQUISA**

### **3.1- Do contexto da pesquisa**

A escola a qual será objeto da pesquisa é de ensino Fundamental, situada em uma das cidades satélite de Brasília, no Distrito Federal.

A Escola tem uma proposta pedagógica transformadora, comprometida com a melhoria do ensino, a qual pretende que os alunos trabalhem o seu senso crítico, questionando a realidade existente, participando das decisões políticas, despertando naqueles o desejo da busca pelo conhecimento, conscientes de que o estudo é o melhor caminho para mudarem a realidade social em que vivem.

A escola tem responsabilidade com a inclusão social dos alunos com necessidades especiais, prova é que se encontram matriculados mais de oito alunos somente nas 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, dentre eles cinco com deficiência auditiva.

Assim sendo, o projeto a ser desenvolvido tem como objetivo efetuar pesquisas nas salas inclusivas e descobrir através de amostragem, quais as dificuldades encontradas pelos professores em trabalhar em turmas com alunos inclusos, bem como a dificuldade de adaptação tanto do aluno com necessidade especial, como dos demais alunos comuns.

A pesquisa deve colaborar para que os professores e alunos possam refletir acerca da experiência de conviver com alunos especiais, e dessa forma entenderem o processo de inclusão sem qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Além do mais o projeto será importante, pois apresentará as dificuldades encontradas pelos professores ao trabalhar nessas turmas com alunos inclusos, propondo alternativas para minimizar ou até mesmo solucionar os problemas encontrados.

### **3.2 - Descrições dos participantes**

Primeiramente farei uma descrição dos participantes de forma geral, com destaque para os professores, todos do Centro de Ensino Fundamental 308, na

cidade Satélite de Santa Maria, que ministram disciplinas variadas: Matemática; Arte, Português; Inglês, Educação Física e História, sendo que todos trabalham em salas com alunos inclusos, incluindo a professora responsável pelo presente projeto de pesquisa, a qual ministra a disciplina de Arte.

Os alunos inclusos são em número de cinco, todos com deficiência auditiva, sendo que quatro deles estudam em uma única sala de aula da 6ª série do ensino fundamental (turma “C”), sendo que dentre eles, encontram-se três surdos parciais e um surdo mudo, o quinto aluno pesquisado estuda na 5ª série do ensino fundamental (turma “J”) e tem surdez parcial. É importante salientar que em ambas as salas existem acompanhamentos por parte dos professores intérpretes. O interprete tem como função principal traduzir para os alunos com deficiência auditiva a matéria que está sendo ministrada pelo professor regente.

Os demais participantes são os alunos comuns das séries acima mencionadas, adolescentes na faixa etária de 12/13 anos em média, pouco mais novos que os alunos inclusos que possuem em média a faixa etária de 15/16 anos.

As informações foram obtidas mediante pesquisa escrita, sendo que todos os pesquisados assinaram o termo de anuência, o qual permite a divulgação dos dados encontrados, sem esquecer-se da preservação da identidade de cada participante.

### **3.3 - O objetivo geral da pesquisa**

Identificar quais as dificuldades encontradas pelos professores que trabalham com alunos inclusos no CEF-308 de Santa Maria-DF, seja na aplicação do conteúdo programático, como na estratégia didática, destacando os elementos que eventualmente possam contribuir para alguma ineficácia do projeto de inclusão em andamento.

### **3.4 - Delineamentos dos objetivos específicos**

Os objetivos específicos foram delineados em três tópicos, são eles:

- Identificar eventual dificuldade do professor em ministrar o mesmo conteúdo tanto para o aluno incluído quanto para o aluno comum.

- Demonstrar que a dificuldade encontrada pelo professor possa vir de sua falta de formação específica para lidar com sala de aula inclusiva.
- Distinguir as dificuldades encontradas, identificando seus elementos de diferenciação, reconhecendo sua importância para eventual ineficácia (mesmo que parcial) do projeto de inclusão objeto do estudo.

Que tais objetivos ao serem concretizados possam servir de parâmetros para o amadurecimento dos professores envolvidos no projeto de inclusão, contribuindo para a conscientização de todos com relação à importância desses no projeto de inclusão escolar.

## **CAPÍTULO IV-PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1- Metodologia aplicada na pesquisa.**

Este projeto consiste em identificar as dificuldades encontradas pelo professor que ministra aulas com alunos inclusos, direcionando este estudo ao trabalho desenvolvido por um grupo de professores que ministram aulas para duas salas com alunos inclusos no CEF-308 de Santa Maria-DF.

Serão trabalhadas as dificuldades encontradas, através de coletas de depoimentos dos professores, dos alunos comuns, dos alunos inclusos, de seus familiares, de integrantes da direção, da coordenação pedagógica, bem como de psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, que por ventura acompanharem o projeto, dentre outros.

Será efetuada pesquisa documental, no sentido de verificar a existência de adaptação de conteúdo e de existência de conteúdo específico para a turma inclusiva. Dessa forma serão analisados os documentos da escola, que estejam relacionados com o tema proposto.

A metodologia utilizada consiste no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. O motivo pela opção da referida pesquisa se deu em razão desta considerar que o pesquisador deve estar inserido no campo a ser pesquisado e fora dele, mantendo um olhar objetivo e crítico da situação a ser analisada.

Na presente pesquisa e na condição de professora, ministrei aulas de Artes Visuais para alunos de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> série do ensino fundamental em salas de aulas inclusivas, oportunidade em que exerci as funções de pesquisadora e observadora na minha própria sala de aula. Haja vista que nas séries citadas especificamente nas salas 5<sup>a</sup>J e 6<sup>a</sup>C, estudavam alunos com deficiência auditiva.

### **4.2 – Características do Centro de ensino fundamental 308**

O Centro de Ensino Fundamental 308, situado na cidade satélite de Santa Maria/DF foi inaugurado em setembro de 1994. A escola foi fundada no intuito de

atender uma comunidade bastante carente e humilde oriunda de assentamento. Portanto a maioria dos alunos é proveniente de famílias de baixa renda per capita.

No início em razão da precariedade das instalações a escola apenas atendia crianças para matrícula na 5ª e 6ª séries do ensino fundamental. Posteriormente ampliou sua estrutura física com a construção de mais dois pavilhões com 12 salas de aulas, passando a oferecer o curso de ensino fundamental de 5ª a 8ª séries nos turnos matutino e vespertino. A partir de 2004 implantou o ensino fundamental de 1ª a 4ª série e no ano de 2006 passou também a atender os alunos da EJA (curso de educação de jovens e adultos) de ensino médio. Atualmente a escola atende alunos do ensino fundamental (séries iniciais), ensino fundamental (5ª a 8ª séries).

O prédio é composto de sala de diretor, secretaria escolar, cantina, depósito de alimentos, sala de coordenação e de professores, 24 sala de aulas, biblioteca. Possui diferentes tipos de acervos como: livros, revistas, jornais, vídeo, CD Room. Sua área externa é composta de jardins, quadras de esportes e estacionamento.

A caracterização dos equipamentos de apoio didáticos é composta de: projetor de slides; gravador; CD player; máquina copiadora; 2 televisores; 1 retro projetor e 3 aparelho de data show.

A escola funciona no turno matutino de 7 horas e 15 minutos às 12 horas e 30 minutos, o turno vespertino funciona das 13 horas e 15 minutos às 18 horas e 30 minutos e o turno noturno das 19 horas às 23 horas. Estão matriculados no turno diurno: 980 alunos, sendo 36 turmas no diurno. O quadro de funcionários discentes é composto de 44 professores efetivos e 24 professores contratados. O quadro administrativo é composto de 09 funcionários. Tem como instituição de apoio a Associação de Pais e Mestres (APM) e o Conselho Escolar.

A escolha da escola CEF 308, como objeto da pesquisa se deu por dois motivos. Primeiramente por ser o local de trabalho da professora pesquisadora, sendo essa também uma das pessoas envolvidas na pesquisa, fato que facilitou a coleta de dados e informações. Sendo a pesquisadora uma das professoras das salas inclusivas, esta teve a percepção do mesmo ponto de vista dos demais pesquisados. Fator determinante para a análise final da pesquisa.

Segundo ponto que contribuiu para a escolha da escola como objeto da pesquisa, foi o fato que as salas a serem pesquisadas têm como alunos inclusos em

maioria os deficientes auditivos, fato esse que gerou certa uniformidade nas questões práticas que foram levantadas na investigação realizada.

Por fim, o apoio dado pela direção da escola foi determinante para a escolha do CEF 308 para a realização do trabalho, mesmo sabendo que o resultado final da investigação pudesse apontar falhas e dificuldades na implantação do processo de inclusão, a escola não se negou a abrir suas portas e arquivos para a realização da pesquisa. Demonstrou com tal atitude ter maturidade suficiente para levar o projeto a frente, pois somente com abertura às críticas, sugestões e diálogo é que se constrói uma nova escola.

### **4.3 - Projeto pedagógico do CEF-308**

O Centro de Ensino Fundamental 308 tem uma proposta pedagógica transformadora, comprometida com a melhoria do ensino, a qual pretende que os alunos trabalhem o seu lado crítico, questionando a realidade existente, participando das decisões políticas, despertando neles o desejo da busca do conhecimento, conscientes de que o estudo é o melhor caminho para mudarem a realidade social em que vivem.

### **4.4 - Proposta de Ensino Inclusivo para alunos com necessidades especiais no CEF-308.**

A escola possui um projeto de inclusão para os alunos com necessidades especiais, sendo que esses são adaptados à sala de aula de alunos comuns.

O plano pedagógico da escola com relação ao projeto de inclusão, assim estabelece:

- Professores capacitados para a regência de classe e professores especializados em salas de recursos para o atendimento às necessidades especiais do aluno;
- Salas de aula em que estejam incluídos alunos com necessidades especiais, de modo que todos se beneficiem das experiências enriquecedoras promovidas pela diversidade;
- Currículos adaptados às necessidades dos alunos;
- Serviços de apoio pedagógico, envolvendo professores especializados em áreas identificadas com as necessidades especiais dos alunos; professor-intérprete de LIBRAS; professor

guia-interprete; professor de linguagens e códigos aplicáveis à deficiência visual, física, mental e ao autismo;  
Salas de recursos;  
Professor itinerante para atender os alunos das instituições educacionais que não dispõem de sala de recursos;  
Rede de apoio interinstitucional de saúde, trabalho e serviço social;  
Sustentabilidade do processo inclusivo, mediante aprendizagem cooperativa em sala de aula, trabalho de equipe na instituição educacional, constituição de redes de apoio, participação da família e apoio comunitário; (PPP/CEF-308, 2010, p.33)

O projeto de inclusão encontra-se bem definido no papel, no entanto na prática a realidade é outra, pois conforme se comprova pela pesquisa efetuada entre os professores, esses em sua maioria entendem que não tem capacitação específica para lidar com alunos com necessidades especiais em salas inclusivas.

Outro fato também constatado é a ausência de currículo adaptado, bem como de apoio pedagógico, lembrando que embora a escola possua professor interprete não há ações pedagógicas desenvolvidas especificamente para maior interação entre o aluno incluso e o comum.

O planejamento da escola com relação a ensino inclusivo só será totalmente eficaz se houver preparação dos profissionais da educação, não só dos professores, mais dos diretores e coordenadores envolvidos em tal projeto pedagógico. Porque muitas vezes o professor é simplesmente inserido em um projeto sem saber a sua real importância, onde será colocado para trabalhar, sem qualquer preparo profissional específico, como se o ensino inclusivo não tivesse nenhuma peculiaridade pedagógica a ser aplicada.

Estão matriculados na escola e efetivamente freqüentes as aulas o número de 16 (dezesseis) alunos com necessidades especiais, sendo:

- 6 alunos DA severa / Deficiência auditiva severa.
- 1 aluno DA leve / Deficiência auditiva leve.
- 3 alunos DF / Deficiência física.
- 4 alunos DM / DOWN/ Deficiência mental / Síndrome de Down.
- 1 aluno DV Baixa visão.
- 1 aluno TGD / Transtorno Global do desenvolvimento.

Esses alunos são também acompanhados pelo serviço de apoio pedagógico especializado, que proporciona atendimento em horários especiais extracurricular, como forma de ajudar o aluno a acompanhar o ritmo da sala de aula em que está incluso.

No caso específico deste trabalho monográfico, o projeto de pesquisa encampou apenas os alunos acometidos de deficiência auditiva, em número de 5, sendo que quatro deles estudam em uma única sala de aula, a 6ª série do ensino fundamental (turma “C”), sendo que dentre eles, encontram-se três surdos parciais e um surdo mudo, o quinto participante estuda na 5ª série do ensino fundamental (turma “J”) e tem surdez parcial. É importante salientar que em ambas as salas existem acompanhamento por parte dos professores intérpretes. O interprete tem com função traduzir para os alunos portadores de deficiência auditiva a matéria que está sendo ministrada pelo professor regente.

Importante ressaltar que a realidade exposta é reconhecida pela administração da escola, sendo que o PPP/2010 assim considerou acerca do projeto pedagógico para alunos com necessidades especiais, senão vejamos:

A ação pedagógica com os alunos com necessidades especiais procura contemplar as variadas configurações da sua aprendizagem e do seu desenvolvimento intelectual, afetivo e social. Conhecer as formas particulares de apropriação dos objetivos comuns de ensino por esses alunos sobrepujando a observância estrita dos objetivos de ensino. Lidar com as formas particulares de aprendizagem dos alunos elaborando configurações didáticas mais variadas, desde as vivências escolares ligadas as temáticas do cotidiano até os conceitos abstratos ou formais.

Nem sempre é possível prever os processos e formas de aprendizagem mais interessantes e eficazes para esses alunos. Não há, neste sentido, um plano ou projeto pedagógico que possa ser preparado com antecedência e que venha a cobrir inteiramente suas necessidades educacionais especiais. Faz-se necessário um envolvimento sensível com os alunos, de forma que sua perspectiva, suas necessidades e possibilidades sejam conhecidas, analisadas e convertidas em um projeto pedagógico com uma proposta didática que corresponda a tais necessidades. (PPP/CEF-308, 2010, p.40)

Por fim, destaca-se o fato da própria escola no PPP/2010 também admitir que os professores não se encontram preparados para lidar com os alunos especiais, da mesma forma que a estrutura educacional não está preparada pra recebê-los, cujo trecho ora transcreve-se:

Porém, o grande entrave é a pouca formação dos professores para lidar com as distintas necessidades especiais e também o grande número de alunos em salas de aula em média quarenta a quarenta e cinco, fazendo que não se tenha tempo para trabalhar com o aluno que requer uma atenção diferenciada (PP/CEF-308, 2010, p.41).

#### **4.5 - Recursos utilizados para a realização do projeto de pesquisa e elaboração da monografia.**

Para a consolidação do trabalho foram utilizados os seguintes recursos e materiais:

- Formulários para entrevistas e observações.
- Materiais de consumo: papel A4, canetas, tinta de impressora;
- Documentos da instituição de ensino: Regimento Interno, Projeto Político Pedagógico, entre outros;
- Livros, apostilas, computador, impressora, internet, fichas, relatórios, pesquisas impressas;
- Recursos humanos- Professores e alunos,

#### **4.6 - Instrumentos de Construção de Dados**

Os instrumentos de investigação foram elaborados no intuito de subsidiar necessidade de obter informações que pudessem demonstrar com fidedignidade a realidade do projeto de inclusão que se encontra em curso na escola que foi escolhida para a referida pesquisa. Para tanto foi criado o formulário de pesquisa, que procurou abordar todos os temas do trabalho de forma espontânea, sem qualquer caráter intuitivo ideológico ou político.

Dessa forma, foram entrevistados todos os professores que lecionavam nas duas salas escolhidas para a pesquisa, no intuito de apresentar uma dimensão correta acerca da realidade do projeto de inclusão naquelas turmas.

#### **4.7- Procedimentos de Construção de Dados**

A construção de dados iniciou-se com a coleta de informações junto à direção da escola, a qual abriu os seus arquivos, possibilitando a identificação dos alunos inclusos, bem como conhecer o projeto educacional da escola no tocante a inclusão escolar.

A pesquisadora por estar incluída dentre os participantes da pesquisa, por ser ela também professora nas turmas investigadas, pode com base na observação do cotidiano escolar extrair informações importantes, que posteriormente puderam ser constatada com as impressões dos outros professores também investigados.

Por fim, obteve-se informações importantes por meio do questionário elaborado especificamente para esse trabalho, o qual tinha como objetivo precípua colher a impressão de cada professor com referência a sua atuação na sala inclusiva, bem como quanto aos fatores didático-pedagógicos do processo de inclusão escolar e seus reflexos no campo social.

## **CAPÍTULO V-RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **5.1. – Procedimento de análise de dados**

Primeiramente deve-se destacar o fato da pesquisadora estar incluída no projeto de pesquisa como um dos participantes, pois também trabalha na escola pesquisada, inclusive ministrando aulas de Arte nas duas salas inclusivas que foram objeto da pesquisa.

O projeto desenvolvido teve como objetivo efetuar pesquisas nas salas inclusivas e descobrir através de amostragem, quais as dificuldades encontradas pelos professores ao trabalharem em turmas com alunos inclusos, bem como se há dificuldade de adaptação tanto do aluno com necessidade especial, como dos alunos comuns.

Assim o motivo pela opção da pesquisa qualitativa etnográfica, se deu em razão desta considerar que o pesquisador deve estar inserido no campo a ser pesquisado e fora dele mantendo um olhar objetivo e crítico da situação a ser analisada.

A técnica para esta pesquisa foi à observação, onde foi pedido aos envolvidos que ficassem atentos a todos os fatos do cotidiano escolar, especificamente com relação às salas de aulas pesquisadas. Posteriormente foi colhida a impressão de cada um através do questionário que é parte integrante desse trabalho.

Após a colheita das informações, essas foram transportadas para gráficos percentuais, no intuito de se verificar a opinião e visão predominante dos entrevistados.

Dessa forma o projeto foi desenvolvido com o objetivo efetuar pesquisas nas salas inclusivas e descobrir através de amostragem, quais as dificuldades encontradas pelos professores em trabalhar em turmas com alunos inclusos, bem como a dificuldade de adaptação tanto do aluno com necessidade especial, como dos alunos comuns.

A pesquisa deve colaborar para que os professores e alunos possam refletir acerca da experiência de conviver com alunos especiais, e dessa forma entenderem o processo de inclusão sem qualquer tipo de preconceito.

## **5.2 - Análise crítica da estrutura da escola pesquisada.**

A organização do CEF 308, Santa Maria- DF está dentro do patamar das escolas públicas do DF, não há material didático específico com relação ao projeto de inclusão e quanto às disciplinas curriculares todo o material didático é levado pelos professores. Sendo certo que a professora, ora pesquisadora só teve acesso ao material de apoio pedagógico para ensino inclusivo depois que começou a freqüentar o curso de especialização em comento.

A escola CEF 308, Santa Maria- DF aproveita bem os poucos recursos disponibilizados pela Secretária de Educação. Com relação específica as salas inclusivas houve por parte da escola um forte empenho no sentido de obter junto a Secretaria de Educação (Regional de Santa Maria) disponibilização de professor interprete em tempo integral para todas as salas que possuem aluno com deficiência auditiva. Tal fato contribuiu de forma pedagógica, haja vista que o professor interprete ajuda diretamente o aluno incluso a entender a explicação do conteúdo passado pelo professor da disciplina, além de ajudar na comunicação do aluno incluso com os demais colegas e com o professor.

O material didático como em toda a escola da rede pública é escasso, sendo certo que para ministrarem as aulas os professores em sua grande maioria, utilizam-se dos materiais comprados com recursos próprios. O material de consumo para a realização de trabalho na maioria das vezes é levado pelos alunos. Não existe ambiente apropriado e mobiliado de acordo com as necessidades específicas para o deficiente auditivo, nem tampouco para o professor interprete. Tal fato dificulta bastante a organização e a acomodação das pessoas envolvidas e dos trabalhos a serem realizados.

## **5.3 – Análise do projeto pedagógico aplicado nas salas inclusivas**

O processo de conhecimento pedagógico na escola pesquisada foi elaborado dentro de um contexto genérico, a maioria dos professores que participaram da pesquisa ministram aulas para 15 turmas diferentes de 5ª a 6ª séries, sendo que somente em duas turmas (5ªJ e 6ªC) trabalham com inclusão de alunos com necessidades especiais, no caso específico: deficientes auditivos.

Embora nós professores possamos planejar nossas aulas em horário de coordenação, não há como proceder a uma elaboração pedagógica para cada sala de aula especificamente. O tempo de convívio com os alunos em sala de aula é insuficiente para que se possa compreender a realidade de cada aluno ou até mesmo do grupo, e o tempo disponível para coordenação também não é suficiente para tal aplicação.

Considerando o argumento acima o planejamento pedagógico passa a ser feito de acordo com o universo geral da escola, cuja realidade é mais fácil de perceber, fato que torna a pesquisa menos complexa e mais simples de se realizar.

Basear um projeto pedagógico na realidade da escola, observando seu aspecto cultural e econômico é uma forma justa, se não há condições específicas para fazer um projeto utilizando as características de cada sala de aula, o qual permitiria com certeza uma identificação melhor com os alunos e diminuiria os vários conflitos e até mesmo a dificuldade de aprendizagem.

Os professores pesquisados admitiram terem efetuado mudanças na forma pedagógica de ministrar suas aulas ao trabalharem nas salas inclusivas, no entanto, essa reformulação se deu de forma muito precária, haja vista que conforme demonstrado na apuração de resultados, não houve por parte da escola qualquer tipo de preparação específica para os professores e demais profissionais envolvidos no projeto de inclusão.

Restou também apurado na investigação, que a escola não tem estrutura física adequada e nem sequer material didático específico para as salas inclusivas.

Dessa forma as salas de aulas que tem alunos inclusos sofrem na parte pedagógica, haja vista que não existe um projeto específico a integrar o aluno incluso com o aluno comum, também inexistente qualquer projeto para integrar as ações do professor regente responsável por passar o conteúdo, com as do professor interprete que transmite as aulas aos alunos inclusos. O que se tem na verdade é a intenção de integração, a qual conta na maioria das vezes com a criatividade; experiência e boa vontade dos professores para que aconteça qualquer interação.

Essa realidade já foi detectada pela pesquisadora Vanildes Menezes Oliveira, no texto “A inclusão e a proposta pedagógica da escola”, cujo trecho ora transcreve-se:

Muito se tem falado, refletido e discutido sobre inclusão escolar. Devido à falta de uma proposta pedagógica, o que ocorre nas escolas públicas, até o momento, é a integração escolar e não a tão esperada inclusão (Oliveira, 2007, p. 19).

Para a construção de um projeto pedagógico direcionado para cada sala de aula será necessário muito diálogo, pesquisas e debates, pois o professor precisa se preparar para entender a realidade e necessidade de cada pequeno grupo e dessa forma construir um processo de conhecimento adequado que desencadeará em projeto educacional ideal.

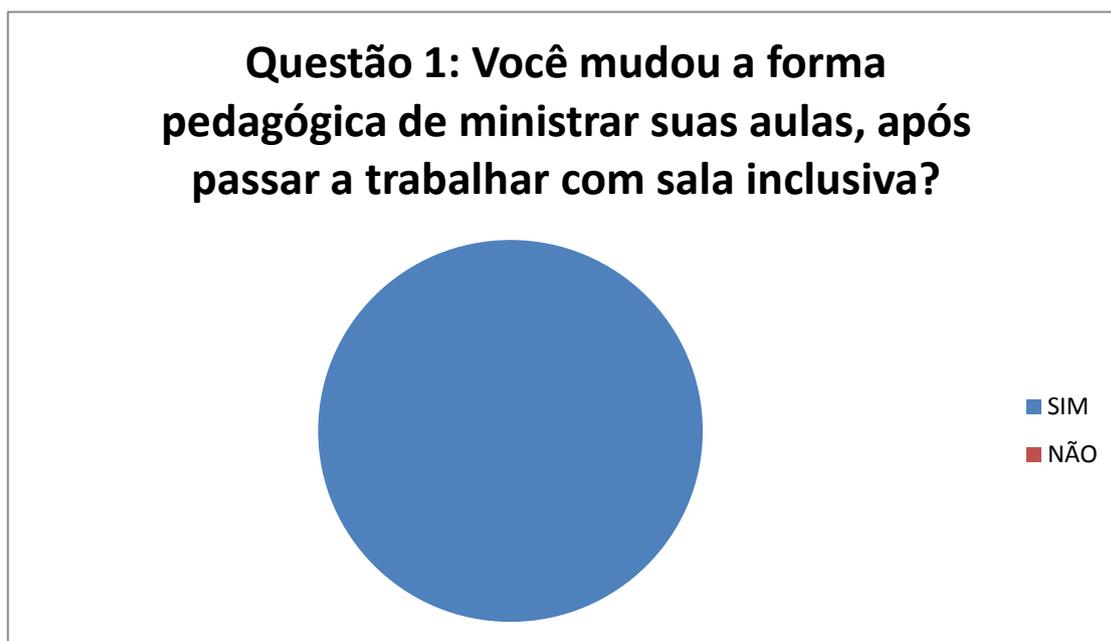
#### 5.4. - Apresentação dos Gráficos

Para apresentação dos dados da pesquisa serão utilizados 10 gráficos, os quais reapresentam o percentual de respostas dadas as 10 perguntas formuladas no questionário da pesquisa (anexo I).

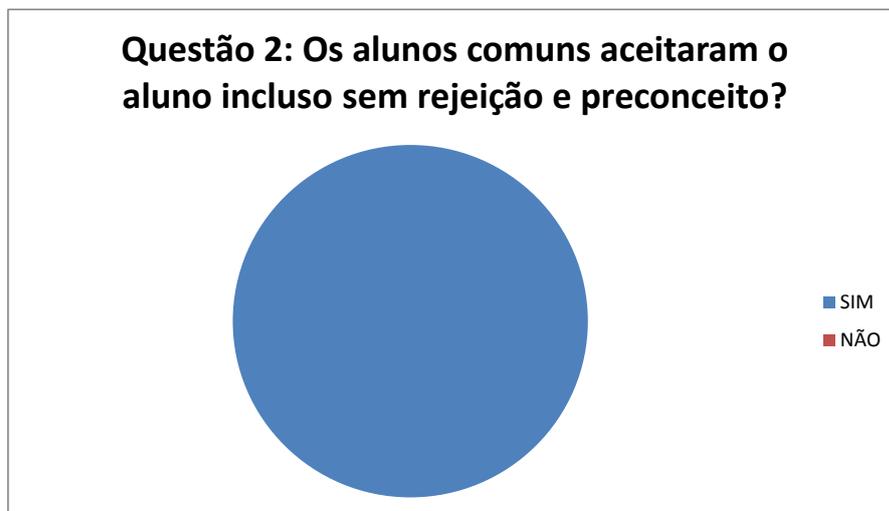
Por meio do demonstrativo gráfico poderá ter uma visão melhor das opiniões em termos percentuais, o que facilita o entendimento quando as opiniões investigadas.

##### 5.4.1. Gráficos de dados coletados - Questionário aplicado aos professores

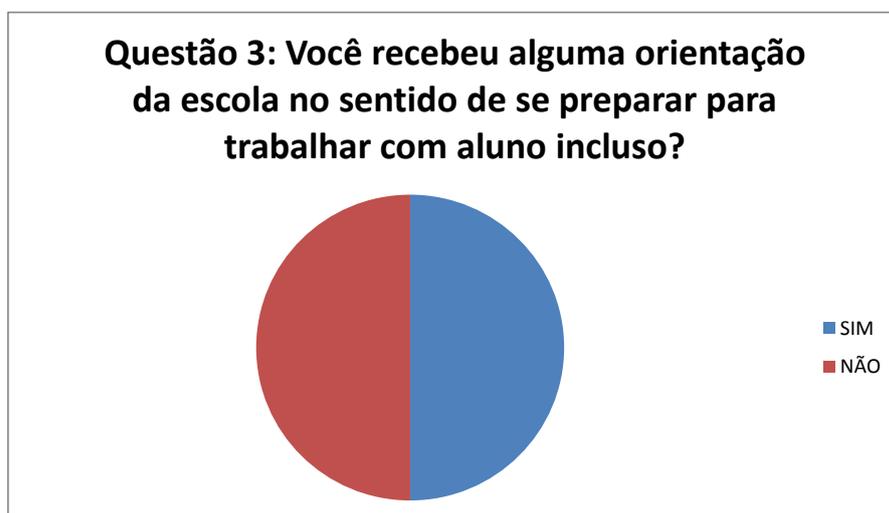
Questão I: 100% dos pesquisados responderam a opção “sim” nesse item.



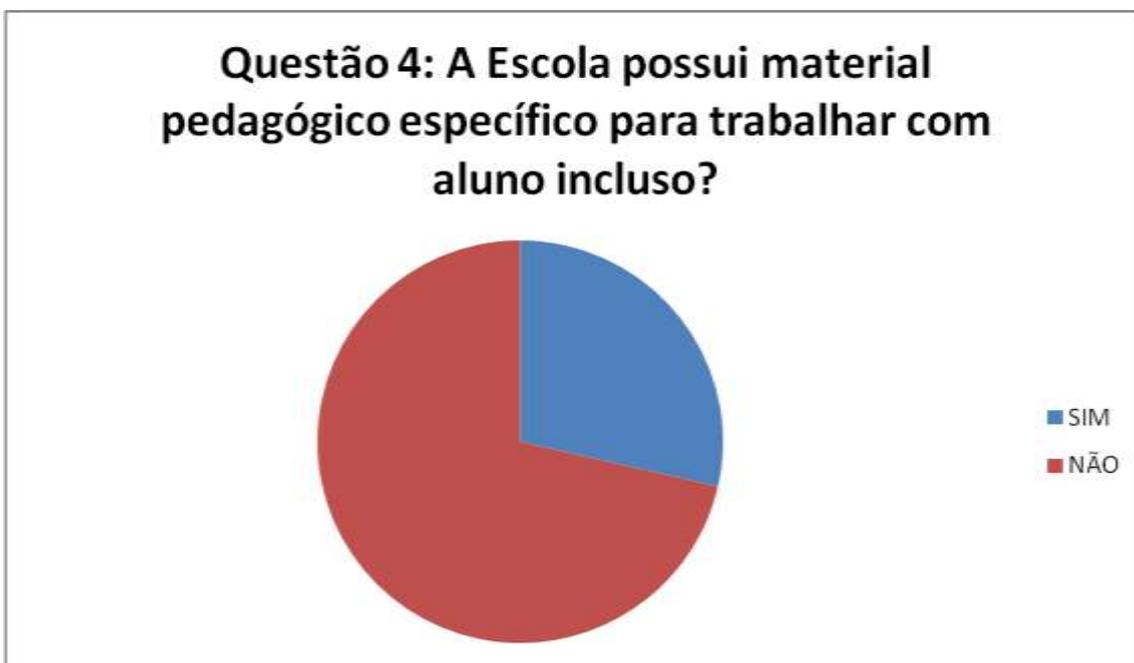
Questão II: 100% dos pesquisados responderam a opção “sim” nesse item.



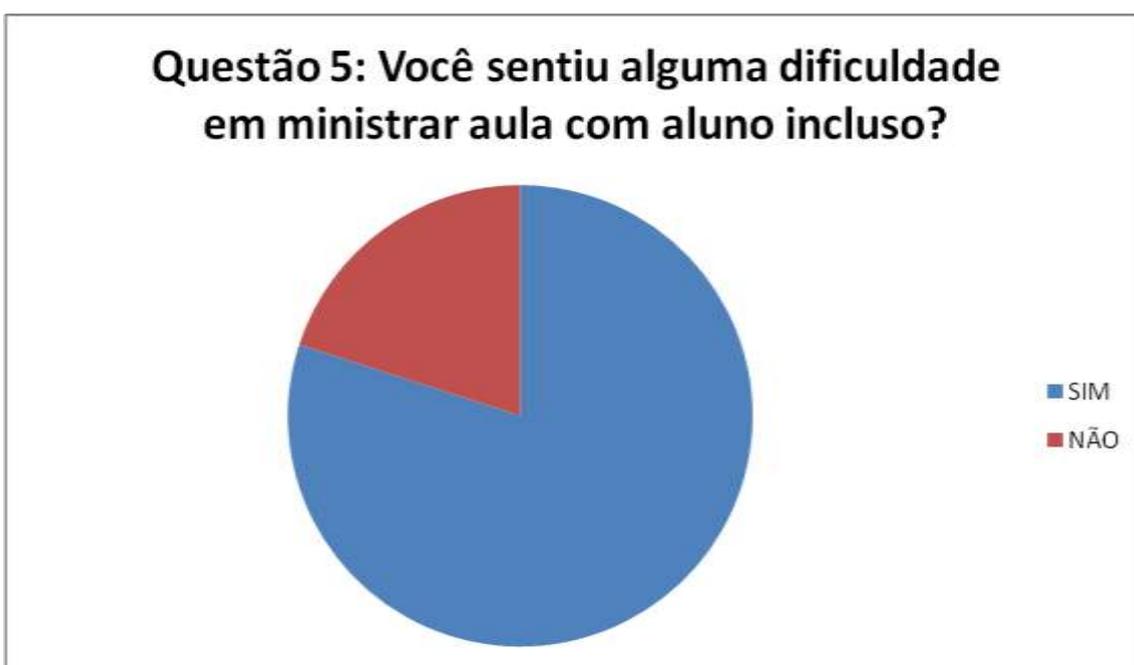
Questão III: 50% dos pesquisados responderam “sim” os outros 50% marcaram “não”.



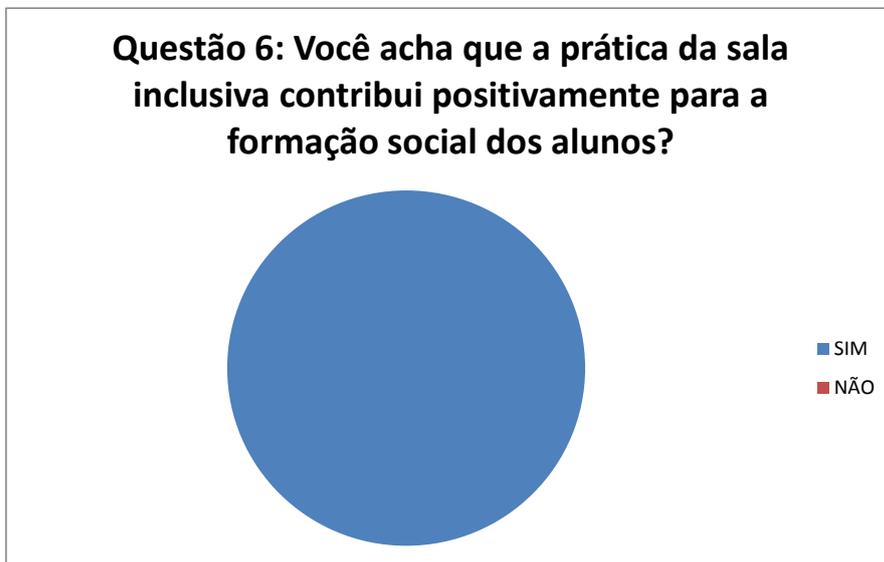
Questão IV: somente 20% dos pesquisados responderam “sim”, os demais 80% marcaram a resposta “não”.



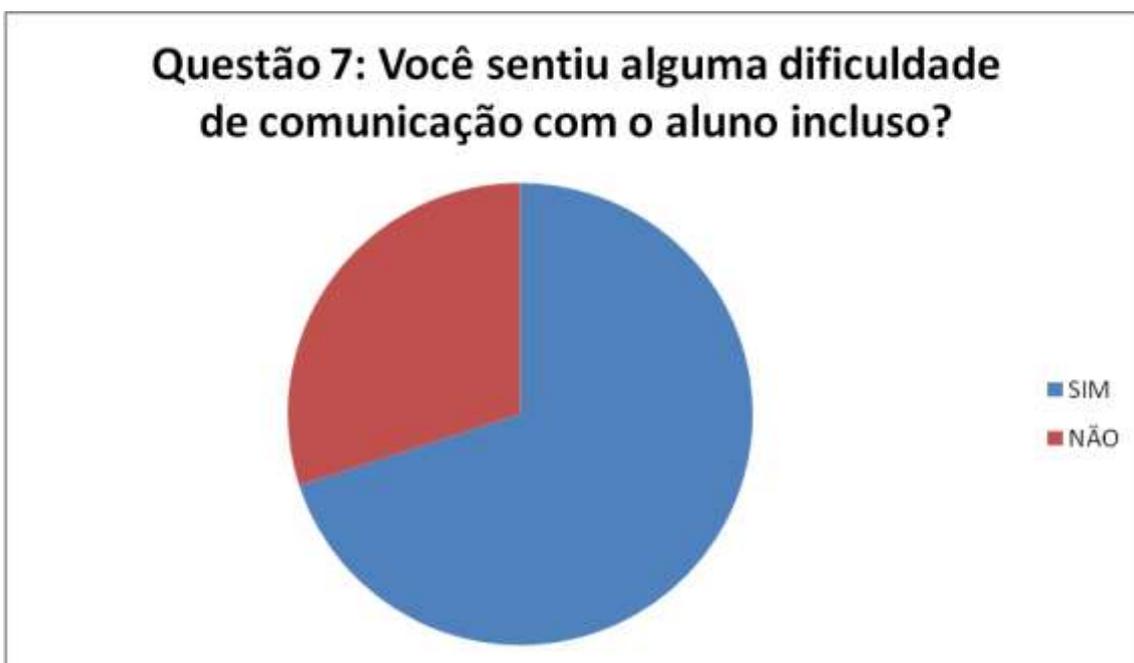
Questão V: Nesse item 80% dos pesquisados indicaram a resposta “sim”, somente 20% responderam “não”.



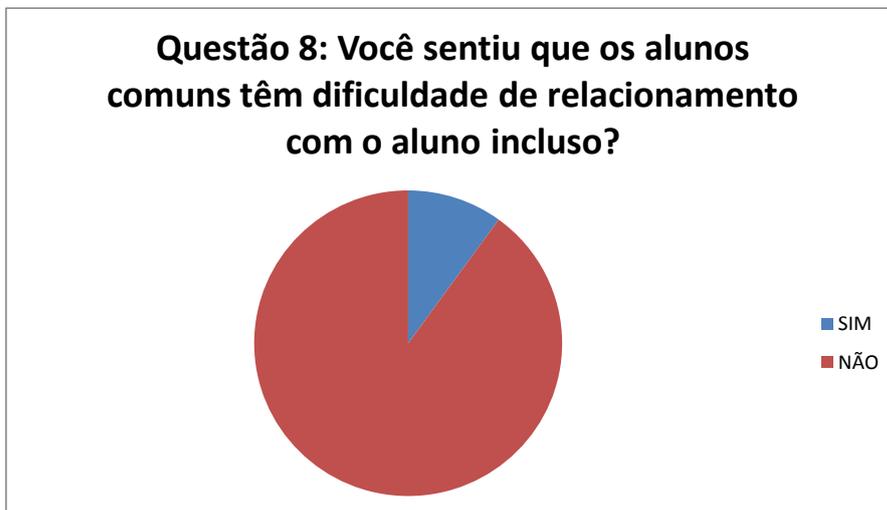
Questão VI: Mais um item em que houve unanimidade, 100% dos pesquisados responderam a opção “sim”.



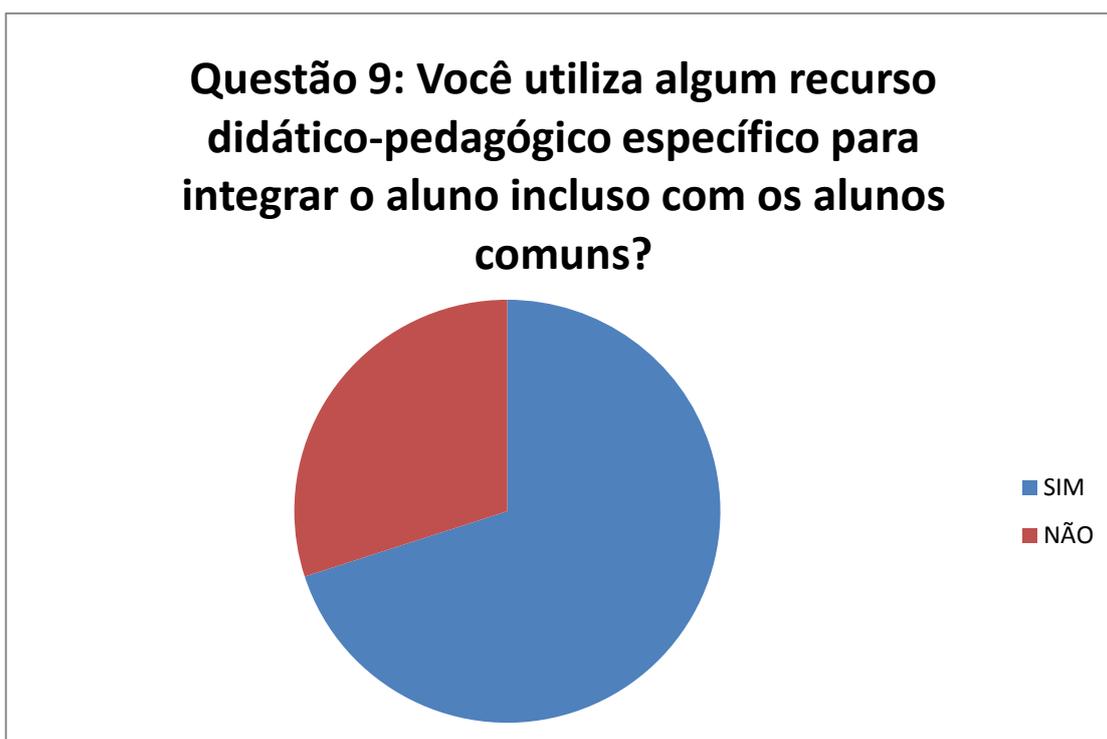
Questão VII: Nesse item 70% dos pesquisados indicaram a resposta “sim”, o restante 30% responderam “não”.



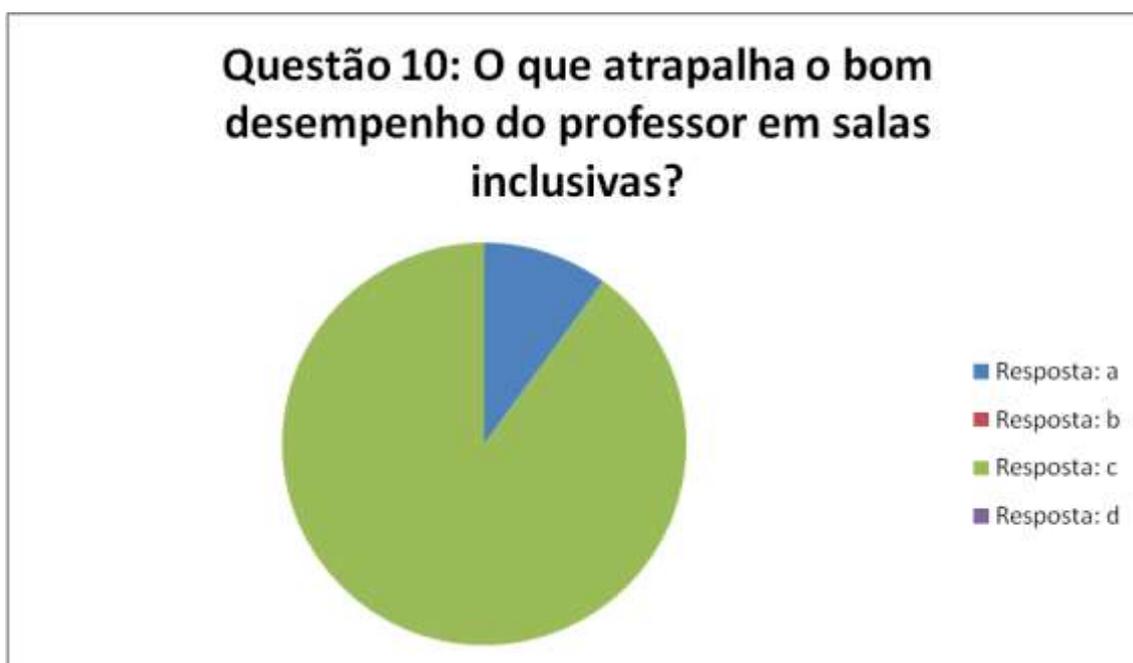
Questão VIII: Uma minoria de apenas 10% respondeu “sim”, a maioria 90% indicou a resposta “não” nesse item.



Questão IX: Do total dos pesquisados 70% indicaram a resposta “sim”, o restante 30% responderam “não” nesse item.



Questão X: Esse item apresentou quatro alternativas para escolha (cita-se abaixo), sendo que 90% dos pesquisados apontaram a letra “c”, que na verdade contemplava as letras “a” e “b” como certas, sendo assim a maioria dos pesquisados escolheram as seguintes respostas para a questão: A – Falta de preparação específica (cursos, palestras. Seminários), B – Falta de recursos pedagógicos.



#### 5.4.2 – Análise dos dados apresentados nos gráficos e questionários

A avaliação das aulas observadas se deu através de pesquisa, o professora pesquisadora procurou ministrar suas aulas sempre atenta aos fatores a serem analisados, visando ter respostas que pudessem contribuir com a pesquisa. Os demais professores foram convidados também a fazerem parte da pesquisa e alertados que seriam pesquisados posteriormente a cerca do tema. Foi pedido aos professores que ficassem atentos a todos os detalhes quanto estivessem trabalhando com alunos inclusos, tal iniciativa se deu motivada pela intenção de que a pesquisa demonstrasse com clareza as dificuldades encontradas pelos professores para ministrarem aulas em salas inclusivas.

Segundo as respostas dadas pelos professores ao questionário (anexo 1) aplicado a 10 deles que trabalham nas salas pesquisadas, em duas turmas do ensino fundamental: 5ª série J e 6ª série C, chega-se a seguinte conclusão:

Primeiramente cabe destacar que com relação à prática inclusiva a aceitação pelo aluno é espetacular. Os pesquisados foram questionados quanto à aceitação do aluno incluso pelos alunos comuns (item 2) e 100% das respostas foram no sentido de afastar qualquer rejeição e preconceito (gráfico 2).

Outro questionamento também nesse sentido (item 8), indagou aos professores acerca da presença de dificuldades de relacionamento dos alunos comuns com os inclusos, sendo certo que 90% dos pesquisados responderam que o relacionamento é muito bom (gráfico 8).

Ainda sobre o aspecto social da inclusão, os pesquisados foram questionados quando a contribuição da sala de aula inclusiva para a formação social do aluno (item 6), sendo certo que todos responderam positivamente, ou seja, 100% das respostas foi no sentido de aceitar a prática inclusiva como forma de diminuir qualquer tipo de discriminação e ou preconceito (gráfico 6).

E por fim, ao serem questionados quanto à dificuldade encontrada para comunicar com o aluno incluso (item 7), somente 30% admitiram não ter tido algum problema de comunicação. Fato esse que demonstra ser o processo de inclusão mais complexo para o professor que para os alunos, haja vista que o primeiro fica com toda a responsabilidade pela condução do projeto pedagógico.

Importante ressaltar, que os pesquisados foram unânimes em afirmar que tiveram de mudar a forma pedagógica para ministrarem aulas nas salas inclusivas, haja vista que em todo responderam “sim” ao questionamento elaborado no item 1, portanto a resposta positiva alcançou o índice de 100% (gráfico 1).

No entanto ao serem questionados acerca de terem recebido orientação da escola no sentido de prepará-los para trabalhar com aluno incluso (item 3), 50% dos entrevistados responderam que sim e outros 50% que não. Nessa questão, resta uma dúvida quanto à honestidade das respostas, pois alguns professores possam ter marcado “fui orientado” no sentido de proteger a imagem da direção da escola. Nesse caso frisa-se que todos os pesquisados tinham conhecimento que a identidade dos mesmos seria mantidas em sigilo quando da divulgação do resultado da pesquisa. Motivo pelo qual não podemos desconsiderar as respostas dadas.

Mesmo assim confrontando a resposta do item 1 com as do item 3, chegamos a uma análise interessante: se todos os pesquisados admitiram que mudaram a forma pedagógica para trabalhar em sala inclusive e se 50% dos pesquisados admitem que não tiveram orientação para isso, pode-se concluir que as alterações pedagógicas ocorreram por iniciativa do próprio professor, certamente com base na sua intuição e experiência profissional no ensino regular, ou seja, sem qualquer orientação específica quanto pedagógica inclusiva (gráfico 3).

No tocante aos recursos didático-pedagógicos foram elaborados dois questionamentos aos professores: o primeiro indagou se a escola possuía material pedagógico para trabalhar com os alunos inclusos (item 4), sendo que nesse tópico 80% dos pesquisados admitiram não ter nenhum material; da mesma forma foi perguntado aos pesquisados se utilizavam algum recurso didático-pedagógico para integrar o aluno incluso com os alunos comuns (item 9), sendo que dessa feita 90% dos indagados admitiram não utilizar qualquer tipo de recurso específico (gráficos 4 e 9).

Por fim os pesquisados foram indagados acerca do fator que atrapalhava o bom desempenho do professor em salas inclusivas (item 10), sendo que 90% das respostas apontaram os seguintes fatores:

- Falta de preparação específica (cursos, palestras, seminários).
- Falta de recursos pedagógicos

O restante 10% entendeu ser apenas o fator “a” - falta de preparação específica (gráfico 10).

Dessa forma, todos os professores envolvidos na pesquisa admitiram não estarem preparados especificamente para a tarefa de ministrar aulas em salas com alunos inclusos.

Portanto, com base na avaliação dos pesquisados, tem-se que o objetivo proposto pelo projeto de pesquisa foi atingido com sucesso, demonstrada assim a carência de preparação específica dos professores para atuarem em salas inclusivas, bem como a falta de estrutura da escola, tanto físico (materiais e recursos didáticos), quanto pedagógico para o desenvolvimento da educação inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o trabalho desenvolvido, e diante das informações obtidas por meio do processo de pesquisa, chega-se a seguinte conclusão:

A comunidade escolar encontra-se aberta à inclusão, tanto o aluno incluso quanto o aluno comum tem assimilado bem o processo.

Ocorre que o processo inclusão da escola pesquisada ainda caminha a passos lentos, muito precariamente. Foi constatada a ausência de um planejamento didático-pedagógico, aliados a falta de estrutura física e o despreparo do professor para trabalhar em salas inclusivas.

Também foi detectada a rejeição por partes de alguns pais de alunos inclusos, que ainda pensam que a sala inclusiva vai atrapalhar o aprendizado de seus filhos.

Tais fatores atrasam o processo de inclusão, pois apesar do aluno com necessidades especiais estar integrado à sala de aula regular, ele ainda não está totalmente incluído.

A escola inclusiva tem como objetivo maior promover o acesso do aluno com necessidades especiais na rede regular de ensino, no entanto tal inclusão deve ocorrer plenamente e não de forma superficial.

Os alunos inclusos além de se relacionarem com os demais colegas, devem também ter aproveitamento nos estudos, da mesma forma que os comuns devem manter seu aprendizado em níveis satisfatórios.

O processo inclusivo implica da necessidade de promover mudanças no ambiente escolar, não há forma de se fazer inclusão apenas inserindo o aluno com necessidades especiais na sala de aula com alunos comuns. Há que se mexer na estrutura física da escola, com reformas a facilitar a acessibilidade do aluno especial, também se deve alterar o currículo, bem como, o planejamento didático-pedagógico. E por fim deve investir na formação do professor para que esse possa ser um facilitador no processo de inclusão. Esse precisa ter o seu papel valorizado pois é o principal agente do processo, pois preparado poderá arregimentar ações significativas para o sucesso do projeto.

O projeto de pesquisa demonstrou existir ainda muita fragilidade no processo de inclusão na escola CEF-308, quanto ao seu aspecto pedagógico, no entanto, com relação ao seu lado social esse demonstrou ser altamente eficaz, sendo certo que todos os professores envolvidos foram unânimes em ressaltar a aceitação dos alunos com necessidades especiais pelos alunos comuns, bem como a tranquilidade do convívio. A inclusão proporciona momentos maravilhosos para o aluno incluso, tanto para o aluno comum, aprender aceitar e a respeitar as diferenças, crescer com as dificuldades dos outros, são matérias até então não constante de qualquer currículo escolar, e que graças ao projeto inclusivo hoje são vivenciadas na prática.

Maria Teresa Eglér Mantoan, entende que esses pequenos projetos é que vão fazer consolidar a inclusão escolar como um projeto de futuro e eficaz, cita-se trecho de sua obra:

Penso que o futuro da escola inclusiva depende de uma expansão rápida dos projetos verdadeiramente imbuídos do compromisso de transformar a escola, para se adequar aos novos tempos. Se ainda hoje esses projetos se resumem a experiências locais, estas estão demonstrando a viabilidade da inclusão, em escolas e redes de ensino brasileiras, porque têm a força do óbvio e a clareza da simplicidade (Mantoan, 2003, p 48)

Dessa forma, entendo que o projeto de pesquisa cumpriu seu objetivo, pois detectou as dificuldades encontradas pelos professores em ministrar aulas em salas inclusivas, mais por outro lado constatou a felicidade dos professores de terem a possibilidade de participarem de um projeto de tamanha grandeza.

Para encerrar, nada melhor que a sabedoria de Mahatma Gandhi, que define muito bem a educação, e que mesmo sem querer acaba por definir também o processo de inclusão escolar, "A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade (frases.netsaber.com.br/)?"

## REFERÊNCIAS

### Bibliografia

AQUINO, J.G. A Escola e as novas demandas sociais: as drogas como tema transversal. IN Aquino, J. G. (org) – Drogas na Escola: Alternativas Teóricas e Pláticas, Summus, São Paulo, 1998.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na educação especial. Rio de Janeiro: Revista Benjamin Constant, 15. ed., abril de 2000.

DEMO, P. Educar pela Pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1997.

DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.

DEMO, P. Pesquisa e Informação Qualitativa. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.

FERREIRA, A.B.H.\_1975. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 1ª Edição, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro-RJ, 1975.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. de L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. Revista Integração, Brasília, v. 24, ano 14, p. 22-27, 2002.

GLAT, R.; FERREIRA, J. R.; OLIVEIRA, E. da S. G.; SENNA, L. A. G. Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil. Relatório de consultoria técnica, Banco Mundial, 2003.

JESUS, D. M.; CAETANO, A. M.; AGUIAR, A. M. B. Convivendo com a diferença: os alunos com necessidades educativas especiais na escola regular. Disponível em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=44:convivendo-com-a-diferenca-os-alunos-com-necessidades-educativas-especiais-na-escola-regular&catid=5:educacao-especial&Itemid=16](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44:convivendo-com-a-diferenca-os-alunos-com-necessidades-educativas-especiais-na-escola-regular&catid=5:educacao-especial&Itemid=16)> Acesso em: 27.03.2011.

LACERDA C.B.F. “A inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos professores e intérpretes sobre esta experiência” Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006 - Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? (Coleção cotidiano escolar). Ed.Moderna , São Paulo, 2003 :

MORIN. E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 4. ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

MITTLER, P. Working towards inclusion education: social contexts. London, David Fulton Publishers Ltd., 2000.

OLIVEIRA, V.M., A inclusão e a proposta pedagógica da escola – Vanildes Menezes Oliveira, Artigo publicado na edição n. 375, Jornal Mundo Jovem (PUCRS), abril de 2007, pag.19.

PLEST, M. D., A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisa, Educar em Revista nº 33, Curitiba – PR., 2000.

PP/CEF-308/2010, Proposta pedagógica – Centro de Ensino Fundamental 308(CEF-308), Santa Maria, DF.

VIGOTSK, Lev. Semenovid. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução: Maria da Penha Vila Lobos. 6ª ed. São Paulo. Ícone, 1998

## Links

[http://www.webartigos.com/articles/5190/1/Inclusao - Escolar/pagina1.html](http://www.webartigos.com/articles/5190/1/Inclusao_-_Escolar/pagina1.html). Acesso em 20 de março de 2010. ZIMMERMANN .Elisete Camargo.

[http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf). Acesso 24 de março de 2011. Declaração de Salamanca e Enquadramento da acção na área das necessidades especiais, Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade; Salamanca, Espanha 7-10 de junho de 1994.

[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ees\\_a.php?t=002](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ees_a.php?t=002), acesso em 04.04.2011

<http://www.dicionarioweb.com.br/inclus%C3%A3o.html>, acesso em 04.04.2011

<http://reinehr.org/pigmeu-moral/entre-aspas/mahatma-gandhi-a-verdadeira-educacao-consiste-em-por-a-descoberto>, acesso em 04.04.2011.

[http://frases.netsaber.com.br/busca\\_up.php?l=&buscapor=Mahatma%20Gandhi](http://frases.netsaber.com.br/busca_up.php?l=&buscapor=Mahatma%20Gandhi), acesso em 04.04.2011

## **ANEXO I - Questionário aplicado junto aos professores do CEF-308**

### **QUESTIONÁRIO**

1) Você mudou a forma pedagógica de ministrar suas aulas, após passar a trabalhar com sala inclusiva?

(  )Sim (  )Não

2) Os alunos comuns aceitaram o aluno incluso sem rejeição e preconceito?

(  )Sim (  )Não

3) Você recebeu alguma orientação da escola no sentido de se preparar para trabalhar com aluno incluso?

(  )Sim (  )Não

4) A Escola possui material pedagógico específico para trabalhar com o aluno incluso?

(  )Sim (  )Não

5) Você sentiu alguma dificuldade em ministrar aula com aluno incluso?

(  )Sim (  )Não

6) O que acha que a prática da sala inclusiva contribui positivamente para a formação social dos alunos.

(  )Sim (  )Não

7) Você sentiu alguma dificuldade de comunicação com o aluno incluso?

(  )Sim (  )Não

8) Você sentiu que os alunos comuns têm dificuldade de relacionamento com o aluno incluso?

(  )Sim (  )Não

9) Você utiliza algum recurso didático/pedagógico específico para integrar o aluno incluso com os alunos comuns.

( )Sim ( )Não

10) O que atrapalha o bom desempenho do professor em salas inclusivas.

(....) a) Falta de preparação específica (cursos, palestras, seminários).

(....) b) Falta de recursos pedagógicos.

(....) c) as duas opções estão corretas.

(....) d) Nenhuma das anteriores

Resposta não obrigatória:

Caso queira faça suas considerações (três linhas) acerca das dificuldades encontradas para ministrar aulas com alunos inclusos?

.....  
.....  
.....